

“ACENDE TEU FOGO, MULHER DE PODER! ”: POMBA-GIRA E A CONSTRUÇÃO DA FEMINILIDADE NO CORPO MÉDIUM

Brenno Fidalgo de Paiva Gomes; LÍlian Gabriella Castelo Branco Alves de Sousa; Rafael Gomes da
Silva Carneiro

Universidade Federal do Piauí - UFPI (brenno.fidalgo@gmail.com)

Resumo

O presente artigo consiste numa pesquisa em andamento revelando o papel que a mulher e o feminino ocupam nos espaços de culto umbandista, atravessado pelo processo de incorporação da entidade Pomba-Gira. Buscando na relação médium-entidade, objetiva-se compreender como a influência espiritual da referida entidade reconfigura a função da mulher no fazer religioso. Como parte desse trabalho, analisar-se-á a trajetória social de médiuns adeptas, seguidoras dessa divindade, que perfazem uma participação pioneira nos espaços sagrados umbandistas, por meio de um simbolismo característico das Pomba-giras, acionados como um mecanismo de defesa e imposição frente à hegemonia masculina no meio social. Para isso, a pesquisa percorre as vivências de filhas de santo da comunidade do Terreiro Gongá Cantinho de Luz, zona rural do município de Altos, PI, apreendendo o fenômeno da incorporação no corpo feminino e o que essa entidade espiritual modifica na forma como essas mulheres se reconhecem, trazendo com isso uma nova moldura, transfigurada pelo feminino empoderado. A mulher, guiada pela luz flamejante da guia espiritual Pomba-gira, revela-se apta a exercer uma função autônoma e encorajadora que desmistifica o papel subalterno destinado à mulher no ambiente repressor da sociedade machista. Assim, por meio de uma investigação etnográfica, embasada em uma fundamentação teórica, procura-se perscrutar o contexto social em que essas mulheres se inserem na representatividade do terreiro. Adicionando a isso, a figura popular de Pomba-gira, responsável por deslocar o ser feminino sensual, de uma linguagem vulgar, para uma leitura que desafia padrões de comportamento.

Palavras-chave: Feminino, Pomba-gira, Incorporação, Terreiro

INTRODUÇÃO

No contexto popular brasileiro, existe uma longa tradição religiosa que perpassa os caminhos de devoção dos filhos de fé diante de seus santos. São múltiplas as manifestações religiosas espalhadas pelo território brasileiro, onde os fiéis denominam-se participantes de várias vertentes religiosas, adotando as mais diferentes formas de cultuar e personificar o sagrado. Na referência afro-brasileira, encontramos o candomblé e a umbanda como religiões que cultuam entidades espirituais que se aliam aos médiuns e fiéis nos lugares de louvor e práticas ritualísticas. No caso do culto umbandista, este abarca em sua expressão religiosa um acervo de divindades que se identificam a partir de características que são peculiares de seus devotos.

De acordo com Prandi (1996), os fiéis brasileiros se familiarizam com uma infinidade de divindades populares, onde são realizadas cerimônias e homenagens com ofertas para seus deuses. Fazendo referência à religião umbandista, são realizadas homenagens convidativas, com intenção de chamar tais divindades a habitarem os espaços de culto, por meio do processo de incorporação do médium com seu respectivo guia espiritual. Dentre essas entidades espirituais, segundo o autor, sobressaem-se pretos velhos, caboclos, marinheiros, boiadeiros, exus e pomba-giras.

Esses, por sua vez, são os espelhos de devoção e reverência que o povo de santo da Umbanda possui em sua consagração religiosa. Dentre essas divindades, a Pomba-gira é uma das entidades que mais chama atenção por sua desenvoltura corporal e gestual, elucidando um contato amistoso com seus seguidores, e perpassando nos terreiros de umbanda com muita influência e posição de destaque. Sua figura é identificada comumente como um ser de princípios morais baixos e de atitude transgressora, frente aos padrões ocidentais vigentes que enclausuram o ser feminino em moldes subalternos. No entanto, para o povo de santo da Umbanda, ela é considerada uma entidade sobrenatural que ampara e rege quem a busca com humildade, sendo conselheira presente na vida de cada um de seus seguidores. Essa entidade ocupa uma posição de destaque nos terreiros umbandistas, tendo seus dias de culto e adoração, revestidos de oferendas e cânticos que entoam homenagens a sua figura polêmica e esplendorosa.

Essa divindade serve como instrumento e manutenção do controle e equilíbrio das energias que pairam sobre os médiuns que ela se predispõe a proteger. Segundo Prandi (1996), o culto a Pomba-gira se estabeleceu inicialmente nas casas de candomblé, quando havia o entrecruzamento de tradições ligadas à tradição africana e europeia. A imagem desse ser feminino habita o imaginário do povo de terreiro, sendo definida como a versão feminina da entidade Exu¹.

Por ser uma transgressora das normas instituídas socialmente, que regulam a vida da mulher no espaço privado e no seio doméstico, Pomba-gira reveste-se de autoridade e caracteriza o rompimento, adotando características associadas comumente ao perfil masculino. Ela é corajosa, trabalhadora, guerreira, ativa e destemida. Sua imagem é repugnada por aqueles que se prendem aos ditames sociais que restringem o lugar do feminino nos ambientes do lar e do cuidado à família. Pomba-gira é aquela que escapa do acordo de boa conduta social, impondo uma revitalização no ser feminino dentro e fora dos espaços de culto umbandista. Sua influência perante as mulheres de terreiro é auxiliá-las e protegê-las de tudo aquilo que as impossibilitem de conquistar um espaço

¹Segundo Prandi (1996), Exu é uma entidade, na tradição candomblecista, um mensageiro na relação entre homens e divindades, sendo responsável por fazer o canal entre essas forças.

perante o mundo. Sua força espiritual reestrutura as mulheres que percorrem um caminho de luz e devoção, encontrando em Pomba-gira uma aliada para os desafios da sociedade.

Assim, esse trabalho tem como objetivo analisar o papel da mulher e do feminino dentro dos espaços de terreiro umbandista a partir de uma subversão no comportamento, influenciado pelo processo de incorporação de Pomba-gira. Além disso, investigar as falas e desenvoltura corporal da referida entidade, procurando dar voz e destaque a sua expressão, tentando estabelecer um contato em que a Pomba-gira informe sua função e influência com as médiuns que ela protege; e investigar como essas mulheres perpassa sua realidade no âmbito familiar, subsequente à proteção dessa divindade feminina.

Essa entidade sagrada contesta o papel da mulher em uma zona de domínio masculina, que constantemente submete o feminino a um plano secundário das atividades que requerem força e inteligência. Portanto, Pomba-gira desmistifica a função restrita da mulher, no que concerne ao papel servil do lar e da procriação, mostrando seu lugar de posição equiparada ao de Exu, projetando isso para suas adeptas, a fim de que essas mulheres, tomadas por sua influência se dirijam aos terreiros e à sociedade em geral, com destreza, segurança e iniciativa para repaginar a posição social designada ao feminino, frente a uma sociedade misógina e excludente. O presente artigo tem relevância para discussões que apontam para a representatividade pioneira do feminino nos espaços sagrados da Umbanda, desvelando funções designadas antes apenas aos homens, abrindo ressalva para o empoderamento feminino umbandista.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, o locus de investigação se concentra no Terreiro Gongá Cantinho de Luz, localizado no bairro Bacurizeiro, município de Altos, estado do Piauí. Para a presente pesquisa contamos com a colaboração de mulheres médiuns que frequentam assiduamente esse espaço de culto, onde suas guias espirituais se diversificam na personalidade da entidade Pomba-Gira. Buscamos analisar como a influência espiritual da referida entidade perfaz a trajetória dessas mulheres, de modo a reverter situações e posições subalternas historicamente direcionadas ao feminino. Além dessa primeira análise, atentamos para os relatos dessas médiuns não só no seu percurso ao terreiro, mas como suas vidas têm sido traçadas de maneira inovadora e autêntica de modo a lhes encorajarem à iniciativa ao trabalho e autoridade em seus lares.

METODOLOGIA

Para dar consistência aos questionamentos apontados no presente trabalho, buscamos na fundamentação teórica, um referencial bibliográfico que nos direcione ao contexto da pesquisa. Para isso, buscamos teorias que estejam alicerçadas ao debate proposto. A pesquisa tem cunho qualitativo, com pesquisa de campo etnográfica, interagindo e dialogando com o cenário e as pessoas que compõem o local de investigação. Foram analisadas as falas de três mulheres médiuns no Terreiro Gongá Cantinho de Luz, na faixa etária entre 18 e 30 anos, buscando apreender a relação que as mesmas têm com sua entidade espiritual. Além disso, buscou-se na fala e nos gestos apresentados durante a incorporação de Pomba-gira dialogar e dar voz à sua imagem sacralizada pelas filhas de santo, no intuito de compreender seu papel no terreiro e na vida dessas mulheres que procuram um novo modelo de comportamento que confronte o estabelecido socialmente. Também, como parte do conjunto de coleta de dados, usamos do registro fotográfico para observar a construção da dialogicidade entre médium e divindade.

O procedimento para coleta dos dados se deu a partir da construção e comparação das falas de médiuns e entidade, procurando ouvi-las e dando vez e voz às suas vivências, de modo que essas interlocutoras explicitem de que maneira vislumbram suas relações no interior dos cultos umbandistas. Assim, a pesquisa conta com a contribuição das falas não só das médiuns, mas da entidade Pomba-gira que muitas vezes está presa a uma ótica marginalizada que reprime sua expressividade, onde sua imagem atribui-se erroneamente à prostituição e ao mal. Com isso, pretende-se abrir espaço para sua escuta, entendendo que aquilo que a sociedade patriarcal condena como prostituição ou demonização, pode ser reinterpretada a partir da fala própria da entidade espiritual.

DAMA DA NOITE, POMBO GIRA PROTETORA DE MULHER DE SANTO.

A Umbanda é uma religião nascida em solo brasileiro, com forte influência de um sincretismo popular, juntando em suas crenças e ritos referências ao catolicismo, espiritismo kardecista, rituais africanos e ameríndios, pajelança indígena etc. Seu surgimento no Brasil se dá a partir do século XX, no dia 16 de novembro de 1908, quando o espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas incorpora no médium Zélio Fernandino de Moraes. A partir daí, surge o que seria considerado a

Umbanda, com a fundação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, voltada para firmamento de um novo culto que abordasse em sua expressão a caridade.

De acordo com Mutti e Chaves (2017), no cenário brasileiro da época, a Umbanda surgia por uma necessidade latente de evidenciar espíritos que careciam de desenvolver sua mediunidade para ajudar os encarnados na Terra. O Brasil no século XX passava por situações graves que envolviam “trabalhos” com magia negra, onde pessoas procuravam essa espécie de “serviço” para obtenção de desejos atrelados a questões financeiras e amorosas, sem nenhum tipo de ética ou moral. Além disso, o Espiritismo Kardecista abordava em suas reuniões a influência de espíritos que circundavam os espaços sob a forte referência de médicos e freiras. Nisso, espíritos que fugissem desse padrão eram banidos e excluídos das tendas espíritas sob alegação de que não tinham capacidade suficiente de auxiliar, já que não detinham instrução e alto nível de persuasão.

Com isso, espíritos que se manifestavam sob a forma de Pretos-Velhos e Caboclos, carentes da vontade de exercer sua caridade em benefício do auxílio ao próximo, eram impossibilitados de manifestar seus poderes de cura. Os médiuns negros e pobres também eram eliminados da classe espírita da época, causando um extremo constrangimento e uma perda no propósito maior da caridade espírita que não faz distinção de classe, raça, gênero e idade. Foi então que a Umbanda, sob autorização dos Senhores da Luz, na ordem direta de Jesus, deu abertura para todos os espíritos que se propusessem a exercer a caridade, estando aptos a liquidar os sentimentos de ira na Terra e eliminar os trabalhos que envolvessem magia negra.

Assim, nasce a Umbanda no Brasil, com o papel de promover a inclusão e adequação, desenvolvendo linhas de espíritos que agem a favor da ajuda ao próximo, e são identificados pelas figuras populares constantemente excluídas em nossa sociedade: linha de ciganos, boiadeiros, baianos, malandros, caboclos etc. A Umbanda então é uma religião que cultua a simplicidade e o exercício da caridade sem distinções, tendo uma divisão entre linha de direita e de esquerda, sendo a segunda de grande interesse para se apreender o arremate do presente trabalho.

Para Meslin (2014), religião seria aquilo que dá sentido à vida de uma pessoa, onde esta possui um modelo de mundo que, baseado em formas de ação e explicação, dão consistência para definição das vivências com os semelhantes. O autor complementa que é por meio dela que os homens possuem “a coerência de sua existência e coesão da sociedade em que eles vivem” (MESLIN, 2014:26). Pensando nisso, a Umbanda é uma religião de congregação, tendo em sua base existencial o exercício da caridade, investindo no auxílio e bem-estar dos sofredores, mostrando a partir desse conceito de que ela dá sentido à vida dos seus seguidores. No caso do Terreiro Gongá

Cantinho de Luz, várias são as entidades sobrenaturais que auxiliam e curam os filhos de santo, no entanto, se faz uma ressalva à presença voluptuosa da feminilidade das Pomba-giras que descem ao espaço de cerimônia ritual para trazer graças às mulheres de fé.

Segundo Prandi (1996), na Umbanda existe uma determinação e separação daquilo que é legitimado como “bem” e “mal”. Na primeira situação, encontram-se entidades desenvolvidas que se direcionam aos caminhos de luz e harmonia. No outro caso, a linha de esquerda, composta por espíritos de baixa evolução, procurados em grande demanda para trabalhos voltados ao mal, encontrando-se aí os exus e pomba-giras. Para entender a influência da entidade sagrada Pomba-gira na experiência relacionada ao terreiro de umbanda, para as mulheres médiuns seguidoras assíduas, é importante passar por uma análise das representações sociais, no que concerne ao papel feminino e masculino em nossa sociedade.

Na relação da sociedade brasileira, homens e mulheres presenciam constantemente papéis e funções sociais que se dirigem à sua representatividade social. Ao homem fica designado o controle e ordem do espaço público, sendo revestido de autoridade e influência com posições que consolidam o estigma de dominação social e intelectual. Já se referindo à mulher, conforme Bourdieu (2010), esta é vista na sociedade como um ser-percebido, a imagem de um corpo voltado para o olhar e vigilância do outro, causando certo constrangimento e insegurança perante a realidade feminina numa sociedade misógina. Assim, a mulher, na concepção social, não pode atender aos requisitos que o sistema de poder pressupõe, já que sua incapacidade e falta de destreza impossibilita exercer cargos que são direcionados apenas ao homem. Sendo assim, fica designado ao homem o trabalho intelectual e público, enquanto à mulher cabe o espaço privado do lar, restringindo-a aos fazeres doméstico e à procriação.

Segundo Perrot (2003), as representações do corpo feminino foram enclausuradas a uma espécie de silêncio e passividade, onde impera uma sujeição diante da imponência masculina, a qual muitas vezes pode ser contaminada com o perigo que cerca o ser feminino. A autora parte dessa concepção vinda de uma história da religião cristã, presente nos mitos bíblicos, que destaca no livro Gênesis, que Eva foi a grande mentora da dor e do sofrimento que se iniciaram no mundo. Ou mesmo São Paulo, na epístola de Coríntios, informando que as mulheres eram proibidas de falar nas assembleias. Isso tudo por longos séculos foi associado à mulher, como um ser corrupto, que desvirtua os homens, injetando-os de uma sensualidade que gera impotência masculina, ficando para o papel feminino na sociedade apenas a clausura do silêncio, já que foi por sua parte que se instalou o pecado e as maledicências do mundo por sua desobediência.

De acordo com Almeida et al (2010), ficou cabível à mulher a sujeição, controle e vigilância de seu corpo ao homem. É embasada numa relação repressora, de domínio masculino, que a mulher do século XXI e de outros antecessores, se viu defrontada, sem margem à contestação, sendo vítima das mais abruptas violências, sem ao menos ter o direito de contestar.

Segundo Birman (2005), em relação aos cultos afro-brasileiros, percebeu-se uma certa forma de reprodução das identidades femininas no interior das práticas religiosas, onde se constatava que “o ideal de maternidade e sua perfeita adequação às relações de gênero fazia as mulheres dessas comunidades terreiros seres um tanto assexuados, dedicados ao trabalho doméstico e subordinados às normas da vida em família e sua hierarquia patriarcal” (BIRMAN, 2005:406). No entanto, a referida autora cita a contribuição na década de 1940 no trabalho de investigação de Ruth Landes sobre terreiros com predominância matriarcal, em que se encontrava uma reconfiguração do ser feminino nos espaços de culto.

No caso da Umbanda, atribui-se papéis que estão comumente atrelados a questões de gênero, onde funções masculinas e femininas são apontadas dentro dos espaços de culto. No terreiro estudado, ritos são realizados separando atribuições aos filhos e às filhas de santo, inclusive durante as orações e práticas ritualísticas. Porém, em meio aos espaços de culto umbandista, a exemplo do terreiro investigado, papéis submissos relacionados ao feminino, não são vistos como regra. Valores relacionados à esfera feminina, como sensibilidade e fragilidade, procriação e cuidado familiar são anulados por um novo modelo de exercer a função do feminino no local do terreiro. E essa reanálise da função do feminino se dá pela referência sagrada da entidade Pomba-gira, no ato de incorporação durante as danças rituais dessa comunidade de terreiro.

O Terreiro Gongá Cantinho de Luz localiza-se no bairro Bacurizeiro, zona rural do município de Altos, a 42km da capital do Piauí. Essa família de santo é constituída por fieis, membros do terreiro, e visitantes que constantemente frequentam os cerimoniais públicos do local de culto. Durante nossa imersão a campo, observamos minuciosamente funções que revelassem alguma transgressão dentro das normas sociais vigentes que impõem às mulheres papéis secundários na sociedade, sendo constantemente alvo da autoridade masculina. Já na primeira impressão, constatamos em meio à dança ritual que influências sobrenaturais expressavam uma alteração nesses papéis dicotomizados que separavam trabalhos domésticos à mulher e ao homem funções mais intelectuais. Isso se deu a partir da constatação dos momentos de transe em que mulheres médiuns incorporavam a entidade Pomba-gira.

Segundo o autor Prandi (1996), a Pomba-gira é cultuada na Umbanda, sendo uma personagem de grande fama no contexto popular. Ela é a representação do orixá masculino Exu. Sua força está galgada na linha de esquerda da religião umbandista, onde se procura por ela em momentos de práticas ritualísticas voltadas à resolução de conflitos amorosos e sexuais. Sua imagem está vinculada a uma mulher de princípios morais duvidosos, com uma lascívia despertada pela sensualidade, com grande frequência comparada à imagem de prostituta, por ter em mente dominar os homens com suas artimanhas sensuais e sexuais, ser ávida por fama, dinheiro e ostentação de bens materiais. Estudar sua influência nos terreiros de Umbanda, a partir de uma população marginalizada, distanciada de um conjunto de valores morais da tradição cristã, possibilita-nos entender como essa divindade inspira mulheres a reconfigurarem seu papel feminino na sociedade.

Por conta disso, a Pomba-gira está atrelada a uma carga simbólica material e imaterial que a interpreta como uma mulher de pouco valor moral, onde os cigarros e bebidas e uma expressão corporal sensual a torna vulgarizada. De acordo com Capone (2009), a imagem da Pomba-gira está ligada à sexualidade, mas longe de aparentar desejo de procriação, pois essa sexualidade está a serviço de seus prazeres mais íntimos. “Ela é a negação da mãe de família” (CAPONE, 2009:117), mostrando isso por meio de uma verbalização sensualizada e uma gesticulação corporal que determina seus desejos femininos.

Durante nosso percurso em campo, nos deparamos com as danças ritualísticas da comunidade de terreiro investigada. Nesses rituais, existe um chamado consagrado pelos médiuns para que as entidades espirituais habitem seus corpos pelo processo de transe, fazendo com que no lugar dos próprios médiuns, que venham dançar sejam seus próprios guias espirituais. As mulheres do terreiro Gongá Cantinho de Luz que dançam no ritual, convidam suas pomba-giras a visitarem o terreiro, no intuito de mostrar sua performance e desenvoltura corporal que além de atrair o olhar curioso dos visitantes, vêm em busca de aconselhar e revitalizar as energias físicas e espirituais de suas filhas de santo. Em meio a nossas idas ao campo, nos defrontamos com as performances consagradas a essa divindade feminina. Nelas, percebemos cânticos² que propiciam a intimidade na relação médium-entidade. Na dança ritual umbandista, os movimentos corporais, os cânticos e instrumentos musicais, como o atabaque, funcionam como mecanismos convidativos para a entidade incorporar em suas médiuns, trazendo com isso uma performatização corporal que chama a atenção de todos os

² Alguns exemplos de cânticos às Pomba-giras estão no final desse trabalho, encontrados em nossas idas ao terreiro, mostrando que são exemplos da relação íntima entre médium e entidade.

presentes no terreiro. Pomba-gira arranca suspiros de seus seguidores e intriga o senso comum, sendo difamada e demonizada.

Apesar de uma associação negativa, o intuito da entidade espiritual sob a vida de suas médiuns é influenciá-las a tomarem a dianteira em suas vidas, contestando um papel mais ativo nos terreiros, revelando uma autoridade e imponência que procure uma equidade na função antes apenas estabelecida ao homem. Para Barros (2013), as Pomba-giras são sedutoras, cheias de gracejos e feiticeiras de grande sabedoria, sendo estes grandes exemplos de um feminismo subversivo. A mulher na sociedade patriarcal deve manter certa passividade, frente à superioridade masculina. Ela precisa do apoio e direcionamento do homem para manter-se na sociedade, cabendo-lhe apenas corresponder às expectativas criadas socialmente sobre suas funções maternas e domésticas. Porém, a mulher, no cenário religioso umbandista, desvirtua essas possibilidades de submissão, sendo autônoma em suas escolhas e ativa em sua função social, por intermédio da Pomba-gira.

A filha de santo Lísia das Rosas informou que antes de frequentar o terreiro de seu tio, sentia uma “queimação” em seu corpo, como se estivesse incendiado por chamas de fogo. Ela descreveu cenas de muito temor no início, pois não entendia de onde essas sensações viriam. Depois de diagnosticado no terreiro que hoje frequenta que tais sensações eram como que um aviso de que sua entidade espiritual estava interagindo com ela, e que necessitava do rito de iniciação para começar o processo de incorporação de sua Pomba-gira, Lísias nos contou que muito de sua autoconfiança hoje é devido a sua guia espiritual, Dona Pomba Gira Sete Saias. Sobre o que essa influência espiritual modificou em sua vida, extraio parte do relato logo abaixo:

Ela é minha guardiã. Ela me direciona pelos melhores caminhos. Quando a descobri, percebi que ela me aconselhava a me tornar forte desde cedo, procurando minha independência financeira, sem pedir opinião de qualquer namorado ou futuro marido. Eu só tenho hoje mais segurança do que sou e do meu papel aqui no terreiro, por que minha moça me diz, me fala, me abre os olhos, não deixa ninguém passar por cima de minha posição. Sou mulher de energia e tenho coragem para tudo, graças a ela. Faço meus pontos em casa, logo ela vem e me distribui confiança. (Lísia de Flores, entrevista concedida no terreiro Gongá Cantinho de Luz, 19 de agosto de 2017).

Segundo Cruz (2007), no mundo de representações sociais, surge a Pomba-gira, como uma mulher sedutora, de temperamento autoritário, valente e destemida. Sua imagem carrega um “espectro” de virilidade, muito comumente associado à figura masculina que habita os espaços públicos e domina o ambiente familiar. Porém, de acordo com Perrot (2001), “nem todo público é político, nem todo público é masculino, nem todo privado é feminino” (PERROT, 2001:180). Com isso, pode-se entender que os espaços comumente atribuídos ao campo masculino, designado ao

público, e o feminino, cabendo-lhe o privado, são dinâmicos no contexto religioso umbandista. Assim, Pomba-gira infringe os padrões sociais, demonstrando que a mulher de terreiro pode habitar locais públicos, apropriando-se de sua proteção sem se sentir insegura.

A despeito dessas definições que circundam a imagem sexual de Pomba-gira, as mulheres do terreiro Gongá Cantinho de Luz vêm de uma relação convicta de seus papéis dentro do terreiro. No entanto, quando a divindade, sob a forma de espírito, se materializa no corpo dessas médiuns, a coragem e o ímpeto de tomar as rédeas da vida se torna o primeiro passo para transformar o papel feminino no cenário social, indo desde a disposição ao trabalho no espaço designado ao homem, até a coragem de enfrentar os ditames sociais que enclausuram as mulheres no espaço privado do lar. Conforme aponta Prandi (1996), Pomba-gira “trata de casos de amor, protege as mulheres que a procuram, é capaz de propiciar qualquer tipo de união amorosa e sexual” (PRANDI, 1996:07). Com esse sentido protetivo, a imagem de Pomba-gira desvirtua a noção de feminino passivo e fragilizado, demonstrando preparo e liderança para resguardar suas médiuns.

Além disso, as informantes apontaram para uma mudança em suas vidas no âmbito geral, levando-as a administrarem suas atividades com autenticidade e iniciativa, tornando-se mais seguras nos seus afazeres, corajosas e destemidas, inclusive muitas que se limitavam às atividades domésticas, submetidas ao ambiente do lar, foram em busca de trabalho levando em conta sua independência financeira. As informantes relataram que sua entidade espiritual as aconselhou a procurar um emprego fora do seio familiar, tornarem-se mais seguras diante a pressão social, e revitalizarem sua autoestima, comprando roupas, maquiagem e buscando as diversões que os espaços públicos podem proporcionar. No relato de Laura, filha de santo do terreiro, ela informa que

Hoje eu sou quem sou porque minha divina Pomba-gira me orientou sobre o mundo que eu poderia conquistar. Antes, aceitava de cabeça baixa o que marido falava em casa. Hoje, eu respeito a ordem dele, mas imponho a minha. Hoje eu corro atrás do meu trabalho, vou em busca de meus sonhos, percorro até conseguir. Hoje estou desempregada, mas minha guia vai me ajudar a logo arrumar um emprego e a pôr dinheiro de volta em casa, porque ela não me deixa depender de marido não. (Laura, entrevista concedida no terreiro Gongá Cantinho de Luz, 19 de agosto de 2017)

Além disso, encontramos na fala da entidade Pomba-gira, uma permissividade na preparação de suas médiuns, visando modificar seus modos de portar-se frente o terreiro e a sociedade como um todo. A entidade durante nossas conversas, em momentos diferentes e incorporada em duas das médiuns entrevistadas, informou que sua função é melhorar os dons femininos adormecidos por uma sociedade machista que bloqueia e barra as mulheres de exercê-los. A sensualidade e a disposição para trabalhar e reivindicar um espaço de qualidade na sociedade são os motivos

despertados pela Pomba-gira, na intenção de fazer suas adeptas ficarem mais alertas e reivindicarem maior visibilidade nos lugares que perpassam. A partir de seus discursos constatamos que por meio de sua influência há uma reelaboração do ser feminino, escapando dos padrões tradicionais que definem a mulher e o feminino como sexo frágil.

Durante nossas imersões a campo, pudemos conferir preces entoadas à divindade Pomba-gira em prol de acalmá-la nos cânticos, convidando-as a participar das danças, aconselhando suas filhas:

“Vinha caminhando a pé
Para ver se encontrava
A minha cigana de fé
Vinha caminhando a pé
Para ver se encontrava a minha cigana de fé
Parou e leu minha mão
E disse a mais pura verdade
Só queria saber aonde mora
Pomba-gira cigana
Só queria saber aonde mora
Pomba-gira cigana”

(Pesquisa de campo no Terreiro Gongá Cantinho de Luz- realizada na data de 15 de julho de 2017)

“Arreda homem, que aí vem mulher
Ela é Pomba-gira
Rainha que tem fé
Seu Tranca Rua vem na frente
Pra dizer quem ela é
Ela é Pomba-gira
Rainha de qume tem fé

(Pesquisa de campo no Terreiro Gongá Cantinho de Luz- realizada na data de 15 de julho de 2017)

“Foi uma rosa que plantei na encruzilhada
Foi uma rosa que eu plantei no jardim
Maria Mulambo, Maria Mulher
Maria Padilha, rainha de quem tem fé”

(Pesquisa de campo no Terreiro Gongá Cantinho de Luz- realizada na data de 15 de julho de 2017)

As informantes me explicaram que esses cânticos são entoados como uma oração buscando estreitar laços com a Pomba-gira e essa retribuindo com proteção e altivez frente qualquer imposição masculina no terreiro, em casa e em todo ambiente social. Elas nos informaram que esses cânticos são também suas orações pessoais feitas todos os dias e a qualquer hora.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Patrícia. **Transas e transes: Sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevoo.** Revista Estudos Feministas, RJ, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 7º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil.** 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- CRUZ, Andréa Mendonça Lage da. **De rainha do terreiro a encosto do mal: um estudo sobre gênero e ritual.** Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais-IFCS. Rio de Janeiro, UFRJ, 2007.
- MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** Editora UNESP, 2003.
- MESLIN, Michel. **Fundamentos de Antropologia Religiosa: A experiência humana do divino.** Petrópolis, RJ, Vozes, 2014.
- MUTTI, Isette; CHAVES, Daisy. **Ensinaamentos Básicos de Umbanda.** 2 ed. Porto Alegre, BesouroBox, 2017.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé.** São Paulo, Hucitec, 1996. Capítulo IV, p.139-164